

## Canções e Elegias, Luís de Camões

### Texto-base:

CAMÕES, Luís Vaz de. *Canções e Elegias*. Direção Literária Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

### Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### Texto-base digitalizado por:

FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional (<http://www.fccn.pt>)

IBL - Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (<http://www.ibl.pt>)

Disponível em: <http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>

Agradecimentos especiais à **Dra. Maria Teresa Perdigão Costa Bettencourt d'Ávila**, herdeira do **Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão** (responsável pela direção literária da obra-base), que gentilmente autorizou-nos a publicação desta obra.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## CANÇÕES E ELEGIAS Luís de Camões

### 1. Canção

Fermosa e gentil Dama, quando vejo  
a testa de ouro e neve, o lindo aspecto,  
a boca graciosa, o riso honesto,  
o colo de cristal, o branco peito,  
de meu não quero mais que meu desejo,  
nem mais de vós que ver tão lindo gesto.

Ali me manifesto  
por vosso a Deus e ao mundo; ali me inflamo  
nas lágrimas que choro,  
e de mim, que vos amo,  
em ver que soube amar-vos, me namoro;  
e fico por mim só perdido, de arte  
que hei ciúmes de mim por vossa parte.

Se porventura vivo descontente  
por fraqueza d'esprito, padecendo  
a doce pena que entender não sei,  
fujo de mim e acolho-me, correndo,  
à vossa vista; e fico tão contente  
que zombo dos tormentos que passei.

De quem me queixarei  
se vós me dais a vida deste jeito  
nos males que padeço,  
senão de meu sujeito,

que não cabe com bem de tanto preço?  
Mas inda isso de mim cuidar não posso,  
de estar muito soberbo com ser vosso.

Se, por algum acerto, Amor vos erra  
por parte do desejo, cometendo  
algum nefando e torpe desatino,  
se ainda mais que ver, enfim, pretendo,  
fraquezas são do corpo, que é de terra,  
mas não do pensamento, que é divino.  
Se tão alto imagino que de vista  
me perco (peco nisto),  
desculpa-me o que vejo;  
que se, enfim, resisto  
contra tão atrevido e vão desejo,  
faço-me forte em vossa vista pura,  
e armo-me de vossa fermosura.

Das delicadas sobranceiras pretas  
os arcos com que fere, Amor tomou,  
e fez a linda corda dos cabelos;  
e porque de vós tudo lhe quadrou,  
dos raios desses olhos fez as setas  
com que fere quem alça os seus, a vê-los.  
Olhos que são tão belos  
dão armas de vantagem ao Amor,  
com que as almas destrui;  
porém, se é grande a dor,  
co a alteza do mal a restitui;  
e as armas com que mata são de sorte  
que ainda lhe ficais devendo a morte.

Lágrimas e suspiros, pensamentos,  
quem deles se queixar, fermosa Dama,  
mimoso está do mal que por vós sente.  
Que maior bem deseja quem vos ama  
que estar desabafando seus tormentos,  
chorando, imaginando docemente?  
Quem vive descontente,  
não há-de dar alívio a seu desgosto,  
porque se lhe agradeça;  
mas com alegre rosto  
sofra seus males, para que os mereça;  
que quem do mal se queixa, que padece,  
fã-lo porque esta glória não conhece.

De modo que, se cai o pensamento  
em algũa fraqueza, de contente,  
é porque este segredo não conheço;  
assi que com razões, não tão somente  
desculpo ao Amor do meu tormento,  
mas ainda a culpa sua lhe agradeço.  
Por esta fé mereço  
a graça, que esses olhos acompanha,  
o bem do doce riso;  
mas, porém, não se ganha  
cum paraíso outro paraíso.  
E assi, de enleada, a esperança  
se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remédio,  
sabe, Canção, que porque não vejo,  
engano com palavras o desejo.

## 2.

### Canção

A instabilidade da Fortuna,  
os enganos suaves de Amor cego,  
(suaves, se duraram longamente),  
darei, por dar à vida algum sossego;  
que, pois a grave pena me importuna,  
importune meu canto a toda a gente.  
E se o passado bem co mal presente  
me endurece a voz no peito frio,  
o grande desvario  
dará de minha pena sinal certo,  
que um erro em tantos erros é concerto.  
E, pois nesta verdade me confio  
(se verdade se achar no mal que digo),  
aiba o mundo de Amor o desconcerto,  
ue já co a Razão se fez amigo,  
só por não deixar culpa sem castigo.

Já Amor fez leis, sem ter comigo algũa;  
já se tornou, de cego, arrazoado,  
só por usar comigo sem-razões.  
E, se em algũa cousa o tenho errado,  
com siso, grande dor não vi nenhũa,  
nem ele deu sem erros afeições.  
Mas, por usar de suas isenções,  
buscou fingidas causas por matar-me;  
que, para derrubar-me  
no abismo infernal de meu tormento,  
não foi soberbo nunca o pensamento,  
nem pretende mais alto alevantar-me  
daquilo que ele quis; e se ele ordena  
que eu pague seu ousado atrevimento,  
saiba que o mesmo Amor que me condena  
me fez cair na culpa e mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquele dia  
que desceram ao baixo pensamento,  
n'alma os aposentei suavemente;  
e pretendendo mais, como avarento,  
o coração lhe dei por iguaria,  
que a meu mandado tinha obediente.  
Porém como ante si lhe foi presente  
que entenderam o fim de meu desejo,  
ou por outro despejo, que a língua  
descobriu por desvario,  
de sede morto estou posto num rio,  
onde de meu serviço o fruto vejo;  
mas logo se alça se a colhê-lo venho,  
e foge-me a água, se beber porfio;  
assi que em fome e sede me mantenho:  
não tem Tântalo a pena que eu sustenho.

Despois que aquela em quem minh'alma vive  
quis alcançar o baixo atrevimento,  
debaixo deste engano a alcancei:  
a nuvem do contino pensamento  
ma afigurou nos braços, e assi a tive,  
sonhando o que acordado desejei.  
Porque a meu desejo me gabei  
de alcançar um bem de tanto preço,  
além do que padeço,  
atado em ùa roda estou penando,  
que em mil mudanças me anda rodeando  
onde, se a algum bem subo, logo deço,  
e assi ganho e perco a confiança;  
e assi me tem atado ua vingança,  
como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suave e inumana  
meu humano desejo, de atrevido,  
cometeu, sem saber o que fazia  
([que de sua beleza foi nacido}  
o cego Moço, que, co a seta insana,  
o pecado vingou desta ousadia),  
e afora este mal que eu merecia,  
me deu outra maneira de tormento:  
que nunca o pensamento,  
que sempre voa òua a outra parte,  
destas entranhas tristes bem se farte,  
imaginando sobre o famulento,  
quanto mais come, mais está crescendo,  
porque de atormentar-me não se aparte;  
assi que para a pena estou vivendo,  
sou outro novo Ticio, e não me entendo.

De vontades alheias, que roubava,  
e que enganosamente recolhia  
em meu fingido peito, me mantinha.  
De maneira o engano lhe fingia,  
que despois que a meu mando as sojugava,  
com amor as matava, que eu não tinha.  
Porém, logo o castigo que convinha  
o vingativo Amor me fez sentir,  
fazendo-me subir  
ao monte da aspereza que em vós vejo,  
co pesado penedo do desejo,  
que do cume do bem me vai cair;  
torno a subi-lo ao desejado assento,  
torna a cair-me; embalde, enfim, pelejo.  
Não te espantes, Sísifo, deste alento,  
que as costas o subi do sofrimento.

Dest'arte o sumo bem se me oferece  
ao faminto desejo, porque sinta  
a perda de perdê-lo mais penosa.  
Como o avaro a quem o sonho pinta  
achar tesouro grande, onde enriquece  
e farta sua sede cobiçosa.  
e acordando com fúria pressurosa  
vai cavar o lugar onde sonhava,  
mas tudo o que buscava  
lhe converte em carvão a desventura;

ali sua cobiça mais se apura,  
por lhe faltar aquilo que esperava:  
dest'arte Amor me faz perder o siso.  
Porque aqueles que estão na noite escura,  
nunca sentirão tanto o triste abiso,  
se ignorarem o bem do Paraíso.

Canção, nô mais, que já não sei que digo;  
mas porque a dor me seja menos forte,  
diga o pregão a causa desta morte.

### 3. Canção

Já a roxa manhã clara  
do Oriente as portas vem abrindo,  
dos montes descobrindo  
a negra escuridão da luz avara.  
O Sol, que nunca pára,  
de sua alegre vista saudoso,  
trás ela, pressuroso,  
nos cavalos cansados do trabalho, q  
ue respiram nas ervas fresco orvalho,  
se estende, claro, alegre e luminoso.  
Os pássaros, voando  
de raminho em raminho modulando,  
com ua suave e doce melodia  
o claro dia estão manifestando.

A manhã bela e amena,  
seu rosto descobrindo, a espessura  
se cobre de verdura,  
branda, suave, angélica, serena.  
Ó deleitosa pena,  
ó efeito de Amor tão preeminente  
que permite e consente  
que onde quer que me ache, e onde esteja,  
o seráfico gesto sempre veja,  
por quem de viver triste sou contente!  
Mas tu, Aurora pura,  
de tanto bem dá graças à ventura,  
pois as foi pôr em ti tão diferentes,  
que representes tanta fermosura.

A luz suave e leda  
a meus olhos me mostra por quem mouro,  
e os cabelos de ouro  
não igual' aos que vi, mas arremeda:  
esta é a luz que arreda  
a negra escuridão do sentimento  
ao doce pensamento;  
o orvalho das flores delicadas  
são nos meus olhos lágrimas cansadas,  
que eu choro co prazer de meu tormento;  
os pássaros que cantam  
os meus espritos são, que a voz levantam,  
manifestando o gesto peregrino  
com tão divino som que o mundo espantam.

Assi como acontece  
a quem a cara vida está perdendo,  
que, enquanto vai morrendo,  
algũa visão santa lhe aparece;  
a mim, em quem falece  
a vida, que sois vós, minha Senhora, a  
esta alma que em vós mora  
(enquanto da prisão se está apartando)  
vos estais juntamente apresentando  
em forma da fermosa e roxa Aurora.  
Ó ditosa partida!  
Ó glória soberana, alta e subida!  
Se mo não impedir o meu desejo;  
porque o que vejo, enfim, me torna a vida.

Porém a Natureza,  
que nesta vista pura se mantinha,  
me falta tão asinha,  
quão asinha o sol falta à redondeza.  
Se houverdes que é fraqueza  
morrer em tão penoso e triste estado,  
Amor será culpado,  
ou vós, onde ele vive tão isento,  
que causastes tão longo apartamento,  
porque perdesse a vida co cuidado.  
Que se viver não posso  
(um homem sou só, de carne e osso),  
esta vida que perco, Amor ma deu;  
que não sou meu: se mouro, o dano é vosso.

Canção de cisne, feita n'hora extrema:  
na dura pedra fria  
da memória te deixo, em companhia  
do letreiro de minha sepultura;  
que a sombra escura já me impede o dia.

#### 4.

#### Canção

Vão as serenas águas  
do Mondego descendo  
mansamente, que até o mar não param;  
por onde minhas mágoas  
pouco a pouco crescendo,  
para nunca acabar se começaram.  
Ali se ajuntaram neste lugar ameno,  
aonde agora mouro, testa de nove e ouro,  
riso brando, suave, olhar sereno,  
um gesto delicado,  
que sempre n'alma m'estará pintado.

Nesta florida terra,  
leda, fresca e serena,  
ledo e contente para mim vivia,  
em paz com minha guerra,  
contente com a pena  
que de tão belos olhos procedia.

Um dia noutro dia  
o esperar m'enganava;  
longo tempo passei,  
co a vida folguei, só  
porque em bem tamanho me empregava.  
Mas que me presta já,  
que tão fermosos olhos não os há?

Ó quem me ali dissera  
que de amor tão profundo  
o fim pudesse ver ind'algũa hora!  
Ó quem cuidar pudera  
que houvesse aí no mundo  
apartar-m'eu de vós, minha Senhora,  
para que desde agora  
perdesse a esperança,  
e o vão pensamento,  
desfeito em um momento,  
sem me poder ficar mais que a lembrança,  
que sempre estará firme  
até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria  
que daqui levar posso,  
com a qual defender-me triste espero,  
é que nunca sentia  
no tempo que fui vosso  
quererdes-me vós quanto vos eu quero;  
porque o tormento fero  
de vosso apartamento  
não vos dará tal pena  
como a que me condena:  
que mais sentirei vosso sentimento,  
que o que minh'alma sente.  
Moura eu, Senhora, e vós ficai contente!

Canção, tu estarás  
aqui acompanhando  
estes campos e estas claras águas,  
e por mim ficarás chorando  
e suspirando,  
e ao mundo mostrando tantas mágoas,  
que de tão larga história  
minhas lágrimas fiquem por memória.

## 5.

### Canção

Se este meu pensamento,  
como é doce e suave,  
de alma pudesse vir gritando fora,  
mostrando seu tormento  
cruel, e grave,  
diante de vós só, minha Senhora:  
pudera ser que agora  
o vosso peito duro  
tornara manso e brando.  
E eu que sempre ando

pássaro solitário, humilde, escuro,  
tornado um cisne puro,  
brando e sonoro pelo ar voando,  
com canto manifesto  
pintara meu tormento e vosso gesto.

Pintara os olhos belos  
que trazem nas mininas  
o Minino que os seus neles cegou;  
e os dourados cabelos  
em tranças d'ouro finas  
a quem o Sol seus raios abaixou;  
a testa que ordenou  
atura tão formosa;  
o bem proporcionado  
nariz, lindo, afilado,  
que a cada parte tem a fresca rosa;  
a boca graciosa,  
que querê-la louvar é escusado;  
enfim, é um tesouro:  
os dentes, perlas; as palavras, ouro.

Vira-se claramente,  
ó Dama delicada,  
que em vós se esmerou mais a Natureza;  
e eu, de gente em gente,  
trouxera trasladada  
em meu tormento vossa gentileza.  
Somente a aspereza  
de vossa condição,  
Senhora, não dissera,  
porque se não soubera  
que em vós podia haver algum senão.  
E se alguém, com razão,  
—Porque morres? dissera, respondera:  
—Mouro porque é tão bela  
que inda não sou para morrer por ela.

E se pola ventura,  
Dama, vos ofendesse,  
escrevendo de vós o que não sento,  
e vossa fermosura  
tão baixo não descesse  
que a alcançasse um baixo entendimento,  
seria o fundamento  
daquilo que cantasse todo de puro amor,  
porque vosso louvor  
em figura de mágoas se mostrasse.  
E onde se julgasse a causa pelo efeito,  
minha dor diria ali sem medo:  
quem me sentir, verá de quem procedo.

Então amostraria  
os olhos saudosos,  
o suspirar que a alma traz consigo;  
a fingida alegria,  
os passos vagarosos,  
o falar, o esquecer-me do que digo;  
um pelejar comigo,  
e logo desculpar-me;



um recear, ousando;  
andar meu bem buscando,  
e de poder achá-lo acovardar-me;  
enfim, averiguar-me  
que o fim de tudo quanto estou falando  
são lágrimas e amores;  
são vossas isenções e minhas dores.

Mas quem terá, Senhora,  
palavras com que iguale  
com vossa fermosura minha pena;  
que, em doce voz, de fora  
aquela glória fale  
que dentro na minh'alma Amor ordena?  
Não pode tão pequena  
força de engenho humano  
com carga tão pesada,  
se não for ajudada  
dum piedoso olhar, dum doce engano;  
que, fazendo-me o dano  
tão deleitoso, e a dor tão moderada,  
que, enfim, se convertesse  
nos gostos dos louvores que escrevesse.

Canção, não digas mais; e se teus versos  
à pena vêm pequenos,  
não queiram de ti mais, que dirás menos.

## 6.

### Canção

Com força desusada  
aqueita o fogo eterno  
ũa ilha lá nas partes do Oriente,  
de estranhos habitada,  
aonde o duro Inverno  
os campos reverdece alegremente.

A lusitana gente  
por armas sanguinosas,  
tem dela senhorio.  
Cercada está dum rio  
de marítimas águas saudosas;  
das ervas que aqui nascem,  
os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura  
quis que ãa grã parte  
da vida, que não tinha, se passasse,  
para que a sepultura  
nas mãos do fero Marte  
de sangue e de lembranças matizasse.

Se Amor determinasse  
que, a troco desta vida,  
de mim qualquer memória  
ficasse, como história  
que de uns fermosos olhos fosse lida,  
a vida e alegria  
por tão doce memória trocaria.

Mas este fingimento,  
por minha dura sorte,  
com falsas esperanças me convida.  
Não cuide o pensamento  
que pode achar na morte  
o que não pôde achar tão longa vida.  
Está já tão perdida  
a minha confiança  
que, de desesperado  
em ver meu triste estado,  
também da morte perco a esperança.  
Mas oh! que se algum dia  
desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto  
já 'gora não m'espanto,  
que até desesperar se me defende.  
Outrem foi causa disto,  
que eu nunca pude tanto  
que causasse este fogo que me encende.  
Se cuidam que me ofende  
temor de esquecimento,  
oxalá meu perigo  
me fora tão amigo  
que algum temor deixara ao pensamento!  
Quem viu tamanho enleio  
que houvesse ai esperança sem receio?

Quem tem que perder possa  
se pode reçar.  
Mas triste quem não pode já perder!  
Senhora, a culpa é vossa,  
que para me matar  
basta ü' hora só de vos não ver.  
Puseste-me em poder  
de falsas esperanças;  
e, do que mais me espanto:  
que nunca vali tanto  
que vivesse também com esquivaças.  
Valia tão pequena  
não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo  
tão brando e pouco irado,  
quanto agora em meus males se conhece;  
que não há mor castigo  
para quem tem errado q  
ue negar-lhe o castigo que merece.  
E bem como acontece  
que assi como ao doente  
da cura despedido,  
o médico sabido  
tudo quanto deseja lhe consente,  
assi me consentia  
esperança, desejo e ousadia.

E agora venho a dar  
conta do bem passado  
a esta triste vida e longa ausência.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

